
TRADUÇÕES E TRADIÇÕES DA GEOGRAFIA

***Die Lebenskraft oder der Rhodische Genius:
eine Erzählung* (1795)**

**[A Força Vital ou o Gênio Ródio:
uma narrativa – 1795]**

Alexander von Humboldt (1769-1859)

Tradução e apresentação
por
Leonardo Arantes¹

A passagem do século XVIII para o século XIX pode ser reconhecida como um dos momentos mais tumultuados e, ao mesmo tempo, mais profícuos, do ponto de vista intelectual, da história da humanidade.

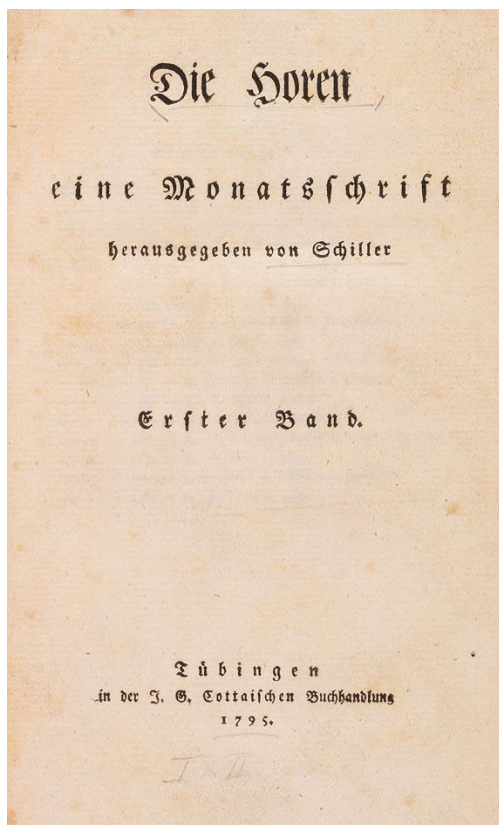
As transformações pelas quais o mundo dos homens vinha passando, tanto na esfera econômica, com a Revolução Industrial na Inglaterra, quanto nas formas de organização política da sociedade, com a Revolução Francesa e o fim do *Ancien Régime*, quanto na esfera intelectual, com a *Aufklärung* enquanto mo(vi)mento-ápice do século das Luzes, permitiram-lhes transformar e potencializar a maneira como percebiam, compreendiam e concebiam o mundo e o homem de sua época.

O mundo da ciência, que ao lado da razão se constituía como marca maior do *Zeitgeist* daquele século, vinha sofrendo fortes abalos após mais de cem anos de hegemonia newtoniana: tornava-se cada vez mais evidente que as leis da mecânica não davam conta de compreender e explicar os corpos vivos. Aquele entendimento dos corpos apenas enquanto corpos físicos, análogos à máquina, cuja engrenagem constituir-se-ia em um mecanismo serial de relações causais, não alcançava a complexidade inerente ao corpo vivo, organismo dotado de partes ou órgãos que não funcionariam única e exclusivamente a partir de relações de causa e efeito sequenciadas: ao contrário, as partes ou órgãos do organismo estariam interrelacionados e concatenados num todo, com relações

¹ Professor substituto no Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e pós-doutorando PNPd/Capes na mesma instituição.

multidirecionais, este todo não sendo meramente a soma de suas partes, todo e partes agindo e retroagindo mutuamente.

O texto que ora apresentamos vertido para o português diretamente da versão original alemã apareceu pela primeira vez no ano de 1795 no periódico mensal “*Die Horen*” (As horas), editado por Friedrich Schiller em parceria com a mais importante casa editorial de sua época, a J. G. Cotta'sche Buchhandlung, sediada em Tübingen.



Apesar de sua curta existência, de 1795 a 1797, esse periódico surgiu como resposta aos “tumultos políticos” daquela época, tal como descrito por seu editor quando de seu lançamento, e contou com contribuições, além das do próprio Schiller, de nomes como Johann Wolfgang von Goethe, Johann Gottlieb Fichte, dos irmãos Schlegel, Johann Gottfried von Herder, dos irmãos von Humboldt, Friedrich Heinrich Jacobi, Madame de Staël entre outros.



A relação entre Alexander von Humboldt e o poeta, historiador e filósofo Friedrich Schiller (1759-1805) teve início em 1794, por ocasião da visita do jovem naturalista a seu irmão Wilhelm e sua esposa Caroline, após o casal se transferir para a cidade de Jena. Ainda que a aproximação com Goethe tenha se dado de maneira mais intensa, a relação com Schiller teria se desenrolado aparentemente de maneira transparente.

Schiller, que a rigor teve sua formação ligada às ciências da natureza, vindo a tornar-se médico, empenhando-se também em refletir teoricamente sobre seu campo como em seus trabalhos “*Über die Philosophie der Physiologie*” (Sobre a Filosofia da Fisiologia) e “*Über den Zusammenhang der thierischen Natur des Menschen mit seiner geistigen*” (Sobre a conexão da natureza animal do ser humano e sua [natureza] espiritual), teria demonstrado de início interesse em estabelecer um intercâmbio com Alexander. E isso a tal ponto que Humboldt teria sido o único naturalista a ser convidado por Schiller para contribuir com um artigo para a sua revista “*Die Horen*”.

Em sua resposta ao convite de Schiller, Humboldt declarava em carta a ele endereçada e datada de 06 de agosto de 1794:

“Eu nunca esperei mais de um empreendimento literário do que o do Senhor, onde grandes forças podem esperar um grande efeito. Eu me alegro infinitamente, que o Senhor não tenha excluído o estudo da natureza de seus planos. Res ardua vestutis novitatem dare, omnibus naturam et naturae suae omnia. O modo como se praticava, até o momento, a História Natural (Naturgeschichte), em que apenas se associava as diferenças de forma; se estudava a fisionomia das plantas e animais; se confundia doutrina das características, doutrina do reconhecimento, com a própria ciência consagrada: até este ponto nossa botânica (Pflanzenkunde) quase não pôde ser, por exemplo, um objeto da reflexão do homem especulativo. Mas o senhor sente, como eu, que algo superior pode ser buscado, que isto pode ser resgatado; pois Aristóteles e Plínio – quem atraiu, com a descrição da natureza (Naturbeschreibung), o sentido estético do homem e de sua formação no amor pela arte – estes antigos tinham certamente pontos de vista mais amplos do que nossos pobres registradores da natureza. A harmonia universal na forma; o problema se há uma forma vegetal original que se apresente em milhares de níveis; a divisão destas formas sobre o solo terrestre; as diferentes impressões de felicidade e melancolia que o mundo vegetal enseja no homem sensível; o contraste entre o maciço morto, inanimado, os próprios galhos de árvore aparentemente inorgânicos, e a cobertura vegetal animada, que, por assim dizer, reveste suavemente a ossada com carne macia; história e geografia das plantas ou apresentação histórica da disseminação dos vegetais sobre o solo terrestre; uma parte não trabalhada da história universal do mundo; prospecção da mais antiga vegetação em sua cova (fossilizações, hulhas, turfa, etc.); habitabilidade paulatina do solo terrestre; migrações e sucessões das plantas, das associativas e das isoladas; mapas sobre que plantas determinados povos perseguiram; história geral da agricultura; comparação das plantas cultivadas com os animais domesticados; origem de ambos; derivações; quais plantas mais fixas, quais mais livres estão ligadas à lei da forma simétrica; plantas domesticadas que se tornaram silvestres (tal como as plantas americanas, persas, do Tejo ao Ob); equívocos gerais na geografia das plantas através das colonizações – estes me parecem ser objetos sobre os quais vale a pena refletir e que estão quase completamente intocados. Eu me ocupo ininterruptamente com eles, mas o barulho no íntimo que me ronda me impede de me desenvolver de maneira ordenada. Eu vejo que exprimi alguns de modo até mesmo estúpido, mas espero mesmo que o senhor sinta no todo o que eu penso.

Se eu estiver em condições de poder enviar-lhe a seguir, meu venerado amigo, algum ensaio sobre estes objetos, vossa aprovação me faria com certeza indizivelmente feliz; porém, que distância existiria entre meu trabalho e o dos demais colaboradores! (...)

O vosso mais obediente, Humboldt” [tradução nossa]

Humboldt faz aí uma pertinente crítica à História Natural, que até então se restringira a descrever, ordenar, classificar, medir e quantificar as espécies de plantas espalhadas pelo globo, pouco se interessando por contemplar a lógica de sua distribuição bem como suas relações edafológicas, climáticas, pedogênicas, geomorfológicas e harmônicas em relação ao todo da natureza. Defende também um retorno aos clássicos – remetendo-se a duas grandes referências, Aristóteles e Plínio –, sobretudo, como forma de se apreender o sentido estético que lhes era inerente, sentido este que ambos, tanto Schiller, autor das cartas sucessivamente publicadas no “*Die Horen*” “*Über die ästhetische Erziehung des Menschen. In einer Reihe von Briefen*” (Sobre a educação estética do homem: em uma série de cartas), como Humboldt (sobretudo em sua obra predileta “*Ansichten der Natur*” – *Quadros da natureza* [1808]), jamais perderam de vista em suas obras. Contempla da mesma maneira a questão da planta originária, a *Urpflanze*, tratada de maneira mais exemplar em “*Metamorphose der Pflanzen*” de Goethe. Trata também da relação de retroalimentação entre as esferas orgânica e inorgânica e pontua, por fim, os elementos da geografia das plantas que pretende contemplar.

Ainda que sua relação com Schiller não tenha sido, nem de perto, semelhante em magnitude, sinceridade e significância em

relação à sua afinidade com Goethe, tendo Schiller mesmo expressado a seu amigo e editor Körner certa desconfiança frente às capacidades criativas e científicas do jovem Alexander, é certo que esta afinidade eletiva lhe permitiu publicar na badalada revista “*Die Horen*” (As horas) um pequeno artigo, sob a forma de alegoria, redigido durante aquele período preparativo de sua grande viagem à América fortemente marcado pela relação intensa com seu irmão Wilhelm e como os poetas Goethe e Schiller, quando de sua estadia em Jena, com o título de “*Die Lebenskraft oder der rhodische Genius: eine Erzählung*” (A força vital ou o Gênio Ródio: uma narrativa).

Aparentemente despretensiosa para a investigação da natureza, essa alegoria expressa, na realidade, o modo de pensar de Humboldt naquele período, e que seria posteriormente resgatado por ele ao republicá-la na terceira edição de suas “*Ansichten der Natur*” de 1849, acrescida de um adendo explicativo, cuja tradução apresentamos no final do presente artigo. Reside, portanto, justamente neste texto originalmente publicado em 1795, bem como em seu adendo explicativo redigido em 1849, a essência de uma terceira via para o embate mecanicismo x vitalismo: o holismo de Humboldt.

V

Die Lebenskraft
oder
der Rhodische Genius.
Eine Erzählung.

Die Syrakuser hatten ihren Poikile wie die Athener. Vorstellungen von Göttern und Heroen, griechische und italische Kunstwerke bekleideten die bunten Hallen des Portikus. Unablässig sah man das Volk dahin strömen, den jungen Krieger, um sich an den Thaten der Ahnherrn, den Künstler, um sich an dem Pinsel grosser Meister zu weiden. Unter den zahllosen Gemälden, welche der emsige Fleiß der Syrakuser aus dem Mutterlande gesammelt, war nur eines, das seit einem vollen Jahrhunderte die Aufmerksamkeit aller Vorübergehenden auf sich zog. Wenn es dem Olympischen Jupiter, dem Städtegründer Cefrops, dem Heldenmuth des Harmedius und Aristogiton an Bewunderern fehlte, so stand doch um jenes Bild das Volk in dichten Rotten gedrängt. Woher diese Vorliebe für dasselbe? War es ein gerettetes Werk des Apelles, oder stammte es aus der Mahlerschule des Kallimachos* her? Nein, Anmuth und Grazie strahlten zwar aus dem Bilde hervor, aber an Verschmelzung der Far-

* Cacizotechnos. Plin. XXXIV. 19. n. 35.

V

A Força Vital
ou
o Gênio Ródio.
Um conto.

Assim como os atenienses, os siracusanos também tinham o seu *poikile*. As imagens (*Vorstellungen*) dos deuses e heróis – obras de arte gregas e italianas – revestiam o hall colorido do pórtico. Via-se o povo passar por ali incessantemente: o jovem guerreiro a contemplar os feitos dos seus ancestrais; o artista [a contemplar] o pincel de grandes mestres. Dentre os inúmeros quadros que reuniam o árduo trabalho dos siracusanos oriundos da pátria-mãe, havia apenas um que, ao longo de um século inteiro, atraía para si a atenção de todos aqueles que por ali passavam. Se faltava admiradores a Júpiter Olímpico, a Cécropo, o fundador das cidades, e ao heroico valor de Harmódio e Aristogíton, sobravam pessoas apinhadas ao redor daquele quadro. De onde vinha essa preferência por ele? Seria ele uma obra resgatada de Apeles ou proveniente da escola de pintores de Calímaco¹? Não. Da imagem, sem dúvida, irradiavam beleza e graça; porém, nem na mistura das co -

¹ Cacizotechnos. Plin. XXXIV. 19. n. 35.

ben, an Charakter und Styl des Ganzen durfte es sich mit vielen andern im Poikile nicht messen.

Das Volk staunt an und bewundert, was es nicht kennt und diese Art des Volks begreift viel unter sich. Seit einem Jahrhundert war das Bild aufgestellt und ohneachtet Syrakus in seinen engen Mauern mehr Kunstgenie umfaßte, als das ganze übrige meerumflossene Sizilien — so blieb der Sinn desselben doch immer unenträthsel. Man wußte nicht einmal bestimmt, in welchem Tempel dasselbe ehemals gestanden habe. Denn es ward von einem gestrandeten Schiffe gerettet, und nur die Waaren, welche dieses führten, ließen ahnen, daß es von Rhodus kam.

An dem Vorgebirge des Gemäldes sah man Jünglinge und Mädchen in eine dichte Gruppe zusammengedrängt. Sie waren ohne Gewand, wohlgebildet, aber nicht von dem schlanken Wuchse, den man in den Statuen des Praxiteles und Alkamenes bewundert. Der stärkere Gliederbau, welcher Spuren mühevoller Anstrengung trug, der menschliche Ausdruck ihrer Sehnsucht und ihres Kummer, alles schien sie des Himmlischen oder Götterähnlichen zu entkleiden, und an ihre irdische Heimath zu fesseln. Ihr Haar war mit Laub und Feldblumen einfach geschmückt. Verlangend streckten sie die Arme gegen einander aus, aber ihr ernstes trübes Auge war nach einem Genius gerichtet, der von lichtem Schimmer umgeben, in ihrer Mitte schwebte. Ein Schmetterling saß auf seiner Schulter, und in der Rechten hielt er eine lodernde Fackel empor. Sein Gliederbau war kindlich, rund, sein Blick himmlisch lebhaft. Gebieterisch sah er

res, nem em carácter e estilo do todo, não se podia compará-lo com tantos outros no *poikile*.

As pessoas ficam maravilhadas e admiram o que não conhecem, e muitos fazem parte desse tipo de pessoa. Há um século, a imagem foi erguida e, desconsiderando que Siracusa compreendia mais gênio artístico em seus estritos muros do que toda a restante Sicília banhada pelo mar, assim, o sentido dessa [imagem] permaneceu sempre indecifrado. De fato, não se sabia nem mesmo em que templo antes essa [imagem] tinha estado colocada. Pois havia sido resgatada de um navio naufragado, e apenas as mercadorias que esse [navio] levava permitia conjecturar que ela vinha de Rhodes.

No primeiro plano do quadro via-se rapazes e moças concentrados em um grupo denso. Eles estavam sem vestimentas, bem formados, embora não com a estatura esbelta que se admira nas estátuas de Praxíteles e de Alcameno. Os membros mais robustos, que traziam os vestígios dos esforços dolorosos, a expressão humana de seu desejo e de sua aflição, tudo parecia despi-los do celestial ou divinal, e enlaçá-los à pátria terrestre. Seu cabelo estava adornado com folhagem e flores dos campos. Eles estendiam os braços reivindicando uns aos outros, mas o olhar sério e entristecido estava direcionado a um gênio, o qual, rodeado de luz brilhante, pairava em seu meio. Uma borboleta estava pousada em seu ombro e, do lado direito, empunhava um facho aceso. Seus membros eram como os de crianças, arredondados, e o seu olhar, celestialmente animado. Ele olhava imperiosamente

auf die Jünglinge und Mädchen zu seinen Füßen herab. Mehr charakteristisches war an dem Gemälde nicht zu unterscheiden. Nur am Fusse glaubten einige noch die Buchstaben ζ und ω zu bemerken, woraus man (denn die Antiquarier waren damals nicht minder kühn, als jetzt) den Namen eines Künstlers Zenodorus, also gleichnamig mit dem spätern Kolos, Gießer, sehr unglücklich zusammen setzte.

Dem Rhodischen Genius, so nannte man das räthselhafte Bild, fehlte es indeß nicht an Auslegern in Syrakus. Kunstkenner, besonders die jüngsten, wenn sie von einer flüchtigen Reise nach Corinth oder Athen zurückkamen, hätten geglaubt, alle Ansprüche auf Genie verläugnen zu müssen, wenn sie nicht sogleich mit einer neuen Erklärung hervorgetreten wären. Einige hielten den Genius für den Ausdruck geistiger Liebe, die den Genuß sinnlicher Freuden verbietet; andere glaubten, er solle die Herrschaft der Vernunft über die Begierden andeuten. Die Weiseren schwiegen, ahneten etwas Erhabenes, und ergötzten sich im *Poikile* an der einfachen Komposition der Gruppe.

So blieb die Sache immer unentschieden. Das Bild ward mit mannigfachen Zusätzen copirt, in Reliefs geformt und nach Griechenland gesandt, ohne daß man auch nur über seinen Ursprung je einige Aufklärung erhielt. Als einst mit dem frühen Aufgange der Plejaden die Schifffahrt ins Aegäische Meer wieder eröffnet ward, kamen Schiffe aus Rhodus im Hafen von Syrakus an. Sie enthielten einen Schatz von Statuen, Altären, Candelabern und Gemälden, welche die Kunstliebe der Dionysen

os rapazes e moças, de cima para baixo, até seus pés. Não havia nada mais característico no quadro que se pudesse diferenciar. Apenas na parte inferior, alguns acreditavam observar ainda as letras ζ e ω, de onde se abreviou, de maneira muito infeliz (pois os antiquários não eram antigamente menos audaciosos do que atualmente) o nome de um artista, Zenodorus, portanto, homônimo do posterior Colosso de Rodes.

Todavia, quanto ao gênio ródio – assim era chamada a imagem misteriosa – não faltavam em Siracusa comentadores. Conhecedores de artes, sobretudo os mais jovens, ao retornarem de uma viagem rápida ao Corinto ou a Atenas, teriam acreditado ter de negar todas as reivindicações sobre o gênio, se elas não fossem prontamente destacadas com uma nova explicação. Alguns tinham o gênio como a expressão do amor espiritual, que impede o gozo dos prazeres sensíveis; outros acreditavam que ele deveria significar o domínio da razão sobre os desejos. Os mais sábios se calavam, suspeitavam de algo sublime e se extasiavam no *poikile* com a simples composição do grupo.

Deste modo, a coisa permaneceu sempre indecisa. A imagem foi copiada com múltiplos acréscimos, formulada em alto-relevo e enviada à Grécia, sem que jamais se recebesse algum esclarecimento sobre sua origem. Quando, no comecinho do nascer das Plêiades, a navegação no mar Egeu foi reaberta, navios de Rodes atracaram no porto de Siracusa. Eles abarcavam um tesouro de estátuas, altares, candelabros e quadros, que o amor pelas artes dos Dionísios

in Griechenland hatte sammeln lassen. Unter den Gemälden war eines, das man augenblicklich für ein Gegenstück zum Rhodischen Genius erkannte. Es war von gleicher Größe, und zeigte ein ähnliches Kolorit; nur waren die Farben besser erhalten. Der Genius stand ebenfalls in der Mitte, aber ohne Schmetterling, mit gesenktem Haupte, die erloschene Fackel zur Erde gekehrt, der Kreis der Jünglinge und Mädchen stürzte in mannigfachen Umarmungen, gleichsam über ihm zusammen. Ihr Blick war nicht mehr trübe und gehorchend, sondern kündigte den Zustand wilder Entfesselung, die Befriedigung lang genährter Sehnsucht an.

Schon suchten die Syrakusischen Alterthumsforscher ihre vorige Erklärungen vom Rhodischen Genius umzumodeln, damit sie auch auf dieses Kunstwerk paßten, als der Tyrann Befehl gab, es in das Haus des Epicharmus zu tragen. Dieser Philosoph aus der Schule des Pythagoras, wohnte in dem entlegenen Theile von Syrakus, den man Tycha nannte. Er besuchte selten den Hof der Dionysen, nicht, als hätten nicht geistreiche Männer aus allen griechischen Pflanzstädten sich um sie versammelt, sondern weil solche Fürstennähe auch den geistreichsten Männern von ihrem Geiste raubt. Er beschäftigte sich unablässig mit der Natur der Dinge, und ihren Kräften, mit der Entstehung von Pflanzen und Thieren, mit den harmonischen Gesetzen, nach denen Weltkörper im Großen und Schneeflocken und Hagelkörner im Kleinen sich kugelförmig ballen. Da er überaus bejahrt war, so ließ er sich täglich in dem Poikile und von da nach Nasos an den Hafen führen, wo ihm sein Auge, wie er sagte, ein Bild des Unbegrenzten, Unendlichen gab, nach dem sein Geist

havia permitido reunir na Grécia. Dentre os quadros estava um que se reconhecia instantaneamente como a outra metade complementar do gênio ródio. Era do mesmo tamanho e mostrava um colorido semelhante; apenas as cores estavam em melhor estado. O gênio se encontrava, do mesmo modo, no meio, porém, sem a borboleta, com a cabeça inclinada para baixo, o facho apagado voltado para o chão, o círculo de rapazes e moças desmanchando-se em múltiplos abraços, por assim dizer, sobre ele. Seu olhar não era mais entristecido e obediente, mas, ao contrário, anunciava o estado de desencadeamento drástico e a satisfação de desejos por longo tempo reprimidos.

Os arqueólogos siracusanos buscavam já reformular suas explicações anteriores acerca do Gênio ródio, para que elas se ajustassem também a essa obra de arte, quando o tirano deu a ordem de levá-la à casa de Epicarmo. Este filósofo, da escola de Pitágoras, vivia num bairro afastado de Siracusa que se chamava Tycha. Raramente ele visitava a corte dos Dionísios, não porque homens espirituosos de todas as colônias gregas não tivessem se reunido ao redor deles, mas sim porque tal proximidade dos príncipes também rouba dos homens mais espirituosos seu espírito. Ele se ocupava permanentemente com a natureza da coisa e com suas forças, com a origem das plantas e dos animais, com as leis harmônicas segundo as quais os corpos do universo, dos grandes aos pequenos, como os flocos de neve e os grãos de granizo, movem-se circularmente, assumindo forma esferoidal. Desde que ficou muito idoso, ele permitiu ser conduzido diariamente ao *poikile*, e daí ao porto da ilha de Ortígia, de onde sua visão, segundo ele dizia, dava-lhe uma imagem do ilimitado, do infinito, pelo qual se u espírito

vergebens strebte. Er ward von dem niedern Volke und doch auch von dem Tyrannen geehrt. Diesem wich er aus, wie er jenem freudig entgegen kam.

Epicharmus lag entkräftet auf seinem Ruhebette, als der Befehl des Dionysius ihm das neue Kunstwerk sandte. Man hatte Sorge getragen ihm eine treue Kopie des Rhodischen Genius mit zu überbringen, und der Philosoph ließ beide neben einander vor sich stellen. Sein Blick war lange auf ihnen geheftet, dann rief er seine Schüler zusammen und hub mit gerührter Stimme an:

„Reißt den Vorhang vor dem Fenster hinweg, daß ich mich noch einmal weide an dem Anblick der reich belebten lebendigen Erde. Sechzig Jahre lang habe ich über die innern Triebräder der Natur, über den Unterschied der Stoffe gesonnen und erst heute läßt der Rhodische Genius mich klarer sehen, was ich sonst nur ahnete. Wenn der Unterschied der Geschlechter lebendige Wesen wohlthätig und fruchtbar aneinander kettet, so wird in der unorganischen Natur der rohe Stoff von gleichen Trieben bewegt. Schon im dunkeln Chaos häufte sich die Materie und mied sich, je nachdem Freundschaft oder Feindschaft sie anzog oder abstieß. Das himmlische Feuer folgt den Metallen, der Magnet dem Eisen; das geriebene Elektrum bewegt leichte Stoffe; Erde mischt sich zur Erde; das Kochsalz gerinnt aus dem Meere zusammen und die Säure der Stüptarie* strebt, sich mit dem Thone zu verbinden. Alles eilt in der unbelebten Natur sich zu dem feinen zu gesellen. Kein irdischer Stoff

* Alaun. — Schwefelsäure, den Alten bekannt.

perseguiu em vão. Ele foi reverenciado tanto pelas pessoas das classes populares quanto pelos tiranos. Destes últimos ele se esquivou enquanto vinha ao encontro daquelas.

Epicarmo jazia prostrado em seu leito de repouso quando, por ordem de Dionísio, levaram-lhe a nova obra de arte. Teve-se o cuidado de trazer-lhe uma cópia fiel do gênio ródio, e o filósofo deixou que ambos [os quadros] fossem colocados diante de si, um ao lado do outro. Seu olhar ficou fixado sobre eles por longo tempo, então, chamou seus discípulos juntos e, com voz comovida, disse:

“Abra a cortina da janela, para que eu possa me alegrar mais uma vez ao olhar a terra animada cheia de vida. Por sessenta anos venho meditando acerca das molas propulsoras íntimas da natureza, sobre a diversidade de matérias e, somente hoje, o Gênio ródio me permite ver de maneira mais clara, o que eu até agora apenas pude ter uma vaga ideia. Se a diferença dos gêneros estabelece uma aliança entre os seres vivos de maneira benéfica e fértil, do mesmo modo, a matéria bruta será movimentada na natureza inorgânica por molas iguais. Já no caos escuro a matéria se condensava e se evitava, e conforme a amizade ou inimizade ela atraía ou repelia. O fogo celeste persegue os metais, o ímã [persegue] o ferro; o âmbar friccionado põe em movimento os corpos leves; terra se mistura com terra; o sal de cozinha se separa da água do mar que se evapora, e o ácido de Stipéria² busca se ligar com o Thone. Tudo na natureza inanimada anseia por se associar ao seu [afim]. Nenhuma matéria terrestre

² Alaun. — ácido sulfúrico, como conhecido pelos antigos.

„(wer wagt es, das Licht diesen bezzuzählen?) ist daher
„irgendwo in Einfachheit und reinem, jungfräulichen
„Zustande zu finden. Alles eilt von seinem Entstehen an
„zu neuen Verbindungen und nur die scheidende Kunst
„des Menschen kann ungepaart darstellen was Ihr verge-
„bens im Inneren der Erde und in dem beweglichen
„Wasser, und Luft, Oceane suchtet. In der todten un-
„organischen Materie ist träge Ruhe, so lange die Bande
„der Verwandtschaften nicht gelöst werden, so lange ein
„dritter Stoff nicht eindringt, um sich den vorigen bei-
„zufügen. Aber auch auf diese Störung folgt wieder
„unfruchtbare Ruhe.“

„Anders ist die Mischung derselben Stoffe im Thier-
„und Pflanzenkörper. Hier tritt die Lebenskraft gebiete-
„risch in ihre Rechte ein; sie kümmert sich nicht um die
„demokratische Freundschaft und Feindschaft der Atome;
„sie vereinigt Stoffe, die in der unbelebten Natur sich
„ewig fliehen, und trennt, was in dieser sich unaufhalt-
„sam sucht.“

„Tretet näher um mich her, meine Schüler, und
„erkennet im Rhodischen Genius, in dem Ausdruck sei-
„ner jugendlichen Stärke, im Schmetterling auf seiner
„Schulter, im Herrscherblick seines Auges, das Symbol
„der Lebenskraft, wie sie jeden Keim der organischen
„Schöpfung befeelt. Die irdischen Elemente, zu seinen
„Füßen, streben gleichsam, ihrer eigenen Begierde zu
„folgen, und sich mit einander zu mischen. Befehlend
„droht ihnen der Genius mit aufgehobener, hochlodern-
„der Fackel, und zwingt sie, ihrer alten Rechte uneinge-
„denk, seinem Gesetze zu folgen.“

(e quem ousaria dar à luz semelhante nome?) pode ser encontrada, por conseguinte, em sua simplicidade e em estado puro, virgem. Tudo compartilha desde sua origem com novas conexões e apenas a arte fragmentadora do homem pode apresentar isoladamente o que vocês procuram em vão nas entranhas da terra e nos moventes oceanos aquáticos e atmosféricos. Na matéria inorgânica inanimada existe repouso inerte, até o momento em que os laços de afinidades não são dissolvidos, até o ponto em que uma terceira matéria não interpenetra, para com elas se combinar. Mas também a essa perturbação segue outra vez o repouso estéril.

Diferentemente é a mistura das mesmas matérias nos corpos animais e nos corpos vegetais. Aqui a força vital entra imperiosamente na plenitude de seus direitos; ela não se refere à amizade e inimizade do átomo defendida por Demócrito; ela unifica matérias que se põem a fugir eternamente na natureza inanimada e separa nesta [natureza] aquilo que se persegue implacavelmente.

Aproximai-vos, queridos discípulos, e reconheci no gênio ródio, na expressão de suas forças juvenis, na borboleta sobre seu ombro, na visão imponente do seu olhar, o símbolo da *força vital*, o modo como ela anima cada germe da criação orgânica. Os elementos terrestres, a seus pés, almejam, por assim dizer, seguir suas próprias inclinações e se misturar uns com os outros. Em tom de ordem, o gênio lhes ameaça elevando o facho aceso e os obriga a seguir sua lei, sem respeito pelos seus antigos direitos.

„Betrachtet nun das neue Kunstwerk, welches der Tyrann mir zur Auslegung gesandt; richtet Eure Augen vom Bilde des Lebens ab, auf das Bild des Todes. Aufwärts weggehoben ist der Schmetterling, ausgelodert die umgekehrte Fackel, gesenkt das Haupt des Jünglings. Der Geist ist in andre Sphären entwichen, die Lebenskraft erstorben. Nun reichen sich Jünglinge und Mädchen fröhlich die Hände. Nun treten die irdischen Stoffe in ihre Rechte ein. Der Fesseln entbunden folgen sie wild, nach langer Entbehrung, ihrem geselligen Triebe, und der Tag des Todes wird ihnen ein bräutlicher Tag. — So gieng die todte Materie von Lebenskraft beseelt, durch eine zahllose Reihe von Geschlechtern, und derselbe Stoff umhüllte vielleicht den göttlichen Geist des Pythagoras, in dem vormals ein dürftiger Wurm im augenblicklichen Genuße sich seines Daseyns freute!”

„Geh Polykles und sage dem Tyrannen, was du gehört hast. Und Ihr, meine Lieben, Phradman und Skopas und Timokles tretet näher und näher zu mir. Ich fühle, daß die schwache Lebenskraft auch in mir den irdischen Stoff nicht lange mehr zähmen wird. Auch er fordert seine Freyheit wieder. Führt mich noch einmal in den Poikile, und von da ans offene Gestade. Bald werdet ihr meine Asche sammeln!”

96

Contemplai agora a nova obra de arte que o tirano me enviou para que eu a interprete; direcionai os vossos olhares da imagem da vida para a imagem da morte. A borboleta empreendeu seu voo para cima, o facho extinguiu-se e caiu, a cabeça do rapaz se inclinou para baixo. O espírito fugiu para outras esferas, a força vital desapareceu. Agora os rapazes e moças se estendem as mãos alegremente. Então as matérias terrestres reconquistam seus direitos. Após muito tempo de privação, liberadas dos grilhões, elas seguem vorazmente seus instintos sociáveis, e o dia da morte se torna para elas um dia nupcial. — Assim foi passando a matéria inerte animada pela força vital, através de uma série incontável de espécies, e a mesma matéria envolta talvez pelo espírito divino de Pitágoras, em que, momentos antes, um pobre verme se alegrou num prazer momentâneo de sua existência.

Vá, Policlés, e diga ao tirano o que ouviste; e vós, meus caros amigos, Eurifamos e Escopas e Timócles, aproximai-vos mais perto ainda de mim. Sinto que a força vital debilitada não há de dominar em mim, durante muito tempo, a matéria terrestre. Também ela exige novamente sua liberdade. Levai-me uma vez mais ao *poikile* e de lá ao litoral aberto. Logo vós ireis recolher minhas cinzas”.

Apêndice: Novas opiniões do autor (Humboldt) acerca da força vital (publicado na terceira edição, em 1849, de sua obra favorita “Ansichten der Natur” - Quadros da natureza)

Estas páginas apareceram pela primeira vez no jornal *As horas*, que era redigido por Schiller. Dois anos antes, em 1793, tinha eu apresentado já a força vital como a causa misteriosa que impede que os elementos cedam às suas atrações primitivas.

Atribuí eu a Epicarmo estes princípios de que se ocupou, com a sua costumada penetração, Vicq-d'Azyr no seu *Tratado de Anatomia e Fisiologia*, e que professam ainda muitos homens célebres, cuja amizade aprecio. Depois, a reflexão, e os estudos constantes no domínio da fisiologia e da química, modificaram profundamente a minha antiga crença, acerca das forças vitais distintas. No ano de 1797 declarei, no fim do meu ensaio acerca da irritabilidade nervosa e muscular, que por nenhum modo aceitava a preexistência de tais forças.

Desde então não me atrevo já a apresentar como forças particulares o que é talvez um mero produto do concurso de substâncias, já de há muito conhecidas e das suas propriedades materiais.

Mas a composição química dos elementos pode apresentar-nos uma definição das substâncias animadas e inanimadas muito mais certa de que o juízo formado, atendendo ao movimento voluntário, à circulação das partes fluídas nas sólidas, à assimilação interna e à justaposição fibrosa dos elementos. Chamo animadas às substâncias cujas partes arbitrariamente separadas se alteram, ainda quando fiquem nas mesmas condições exteriores que anteriormente. Esta definição é apenas a expressão de um fato. Os elementos mantêm o seu equilíbrio na matéria animada porque são ali partes de um todo. Os órgãos determinam-se uns aos outros e dão-se reciprocamente a temperatura, e disposição particular em que se exercem certas afinidades com exclusão de todas as outras. Assim, no organismo, tudo é ao mesmo tempo fim e meio. A rapidez com que a composição das partes orgânicas se altera, separadas dos órgãos vitais que formam um todo, está subordinada à sua maior ou menor independência, e à natureza das substâncias. O sangue dos animais, diversamente modificado nas diferentes classes, decompõe-se muito antes que a seiva das plantas. Os cogumelos corrompem-se em geral muito mais depressa que as folhas das árvores, e os músculos mais facilmente que a pele. Os ossos, cuja estrutura elementar não foi conhecida até aos nossos dias, o pelo dos animais, a parte

lenhosa das plantas, as camadas florais, a lanugem das penas que suportam os grãos (papus), não são substâncias inorgânicas desprovidas de vida, mas estes objetos aproximam-se, ainda durante a sua existência, do estado em que hão-de achar-se depois de separados do corpo a que pertencem. Quanto mais vida e irritabilidade possui uma substância, mais se acentua e se precipita na transformação que a separação produz nela. “O conjunto de células”, diz Henle, “é um organismo, e o organismo vive tanto tempo quanto funcionem as partes que formam o todo. O organismo parece determinar-se a si próprio em oposição à natureza inanimada”¹.

O que sobretudo torna difícil referir, de maneira satisfatória, são os fenômenos vitais do organismo a leis físicas e químicas, como o fora quando o predizer as mudanças meteorológicas que se efetuam no oceano aéreo, é a complicação dos fenômenos, a multiplicidade de forças que atuam simultaneamente e as condições da sua atividade.

Tenho sido fiel, no Kosmos, a este método; apresentei iguais considerações acerca das forças e afinidades vitais, sobre as quais pode consultar-se a Memória de Pultenay, nos trabalhos da Sociedade Real de Edimburgo sobre o impulso criador e o princípio ativo da organização. No *Kosmos* dizia eu: “Os mitos de matérias imponderáveis, e de certas forças vitais próprias de cada organismo, têm complicado os cálculos e derramado luz duvidosa sobre o caminho que se deve seguir. É debaixo de condições e formas de intuição tão diversa que se tem acumulado, através dos séculos, o conjunto prodigioso dos nossos conhecimentos empíricos, os quais aumento dia a dia com rapidez crescente. O espírito investigador do homem trata, de tempos em tempos, e com êxito desigual, de romper formas antiquadas, símbolos inventados para submeter a matéria rebelde às construções mecânicas”. E mais adiante acrescentava: “A descrição física do mundo deve mostrar que todos os materiais, de que a contextura dos seres vivos é composta, encontram-se também na crosta inorgânica da terra, que os vegetais e os animais se acham submetidos às mesmas forças que regem a matéria bruta, marcando nas combinações e decomposições desta a ação dos mesmos agentes, que dão aos tecidos orgânicos as suas formas e propriedades, e que somente então atuam as ditas forças, debaixo de condições pouco conhecidas, que se designam com o nome vago de fenômenos vitais e que se têm agrupado sistematicamente segundo analogias mais ou menos acertadas”.

¹Henle, Anatomia Geral (Allgemeine Anatomie, 1841, p.216-219).